

## Especial Mineração

**Mercado** Empresário adquire concessões que valem US\$ 1,5 bi

# Eike explora o ouro da Colômbia

Paulo Vasconcellos  
Para o Valor, do Rio

O empresário brasileiro Eike Batista foi com sede ao pote na corrida do ouro na Colômbia. No começo do ano, o grupo EBX assumiu por meio da subsidiária AUX o controle da canadense Ventana Gold, que detém os direitos de exploração de duas concessões de ouro e prata no país, por valores que, segundo o mercado, chegariam a US\$ 1,5 bilhão. Só uma delas, La Bodega, a 400 quilômetros da capital, Bogotá, retine várias minas com reservas estimadas em 3,5 milhões de onças de ouro, 19,2 milhões de onças de prata e 84,9 milhões de libras de cobre. No pacote da Ventana Gold, a AUX comprou também o projeto Califórnia Vetas, ainda sem estimativa de reservas.

"Trata-se da maior mina de ouro da América do Sul. Mais uma vez compramos ativos de baixo custo e padrão mundial", comemora o empresário em sua página na internet no endereço [www.eikebatista.com.br](http://www.eikebatista.com.br). A empresa, no entanto, não quis se manifestar sobre o assunto.

A expectativa com o ciclo do ouro na Colômbia é que ele leve as reservas do país em cerca de US\$ 40 bilhões nos próximos anos. Só na mina La Colosa, da

multinacional Anglo Gold Ashanti, as reservas são estimadas em 12 milhões de onça de ouro. A GreyStar explora a mina de Santurbán, com reservas estimadas superiores a 10 milhões de onças de ouro.

As empresas de Eike Batista já desenvolvem o projeto de produção de carvão em El Cerrejón, no distrito de La Guajira, com as minas Papayal, Cañaveral e San Benito. A expectativa é produzir por ano até 35 milhões de toneladas. O projeto inclui a construção de um porto e de um trem com previsão de investimento superior a US\$ 2 bilhões.

A aquisição da Ventana Gold marca um retorno de Eike Batista às origens, depois de mirar em setores tão diversos como o petróleo e a gastronomia. O empresário deu os primeiros passos para a construção do seu império, avaliado em cerca de US\$ 30 bilhões, como intermediário na venda de ouro e diamantes de garimpeiros da Amazônia na década de 1980.

A nova aposta em ouro parecia evidente desde que, no ano passado, Eike Batista criou a AUX, a sexta subsidiária do grupo que reunia empresas nos segmentos de mineração (MMX), logística (LLX), energia (MPX), petróleo e gás (OGX) e constru-



O empresário Eike Batista: compra da maior mina de ouro da América do Sul

ção naval e offshore (OSX). A nova empresa foi batizada com o símbolo químico do metal, acrescido da marca do empresário: o "X", emblema multiplicador como ele gosta de destacar.

O grupo de Eike Batista detinha 20% do controle acionário da Ventana Gold, por meio da 63X Master Fund, empresa indiretamente controlada por ele. Com sede em Vancouver, no Canadá, a Ventana Gold tem ativos na Colômbia que somam 4.590 hectares.

A aquisição da empresa canadense pela AUX foi feita em um momento em que o preço do ouro vinha registrando fortes altas. Tradicionalmente, o metal é pro-

curado como uma proteção por investidores em situações de crise. Desde o fim de 2008, quando foi deflagrada a crise financeira internacional, o preço do metal tem superado a rentabilidade de todos os outros investimentos. Em outubro do ano passado, um mês antes do início da negociação para a compra da totalidade das ações da Ventana Gold, em que a AUX fez uma primeira oferta de 12,63 dólares canadenses por ação em circulação da mineradora, o ganho foi de 8,7%. Em fevereiro, o conselho da Ventana Gold aprovou uma oferta melhorada da AUX que chegara a 13,06 dólares canadenses por ação.

## Minas pequenas atraem companhia australiana

Do Rio

A Centaurus Metals, da Austrália, mirou no mapa mundi da mineração um único alvo: o Brasil. Todos os nove projetos da companhia, criada em 2007, se concentram no país. O mais recente e maior atrativo é o da Serra do Lontra, na Bahia. Os estudos para a implantação de uma mina de minério de ferro ainda estão na fase inicial, mas se tudo der certo a empresa pretende fazer a partir do porto de Ilhéus um corredor de exportação para a China.

"A Centaurus desenvolveu na Austrália uma expertise de exploração no Brasil de pequenas minas que não atraem as grandes companhias nacionais do setor como a Vale e a EBX", diz Roger James Fitzharding, gerente de pesquisas da Centaurus. "Os únicos ativos da empresa são as operações no Brasil, um país que oferece boas oportunidades e onde o mercado para pequenas empresas ainda não está saturado como na Austrália."

A empresa prevê investimentos de R\$ 4 milhões apenas com pesquisas para viabilizar a produção em Serra do Lontra. A área foi estrategicamente escolhida porque está a apenas 140 quilômetros de distância do porto de Ilhéus. A expectativa da empresa é produzir de 30 milhões a 50 milhões de toneladas de minério com teor de 65% de ferro. Por enquanto, estão sendo feitos os levantamentos geológicos e o mapeamento geofísico da área. A campanha de sondagem começa no mês que vem.

"O Brasil é interessante porque tem um bom potencial produtor, consumidor e exportador", afirma Roger Fitzharding. O crescimento do país, o compromisso de investimentos públicos com a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 e a tradição de grande

produtor mundial de minério de ferro também sustentam a aposta australiana. "A Centaurus se estruturou em 2007 especificamente para explorar o potencial da mineração brasileira. No mercado financeiro da Austrália não é difícil levantar dinheiro para se investir no Brasil quando se tem nas mãos um bom projeto."

Além de Serra do Lontra, outros sete projetos estão na fase inicial de levantamento - todos em Minas Gerais, responsável por mais de 60% da produção de minério de ferro do Brasil e onde a empresa instalou a sua base avançada de operações no país. Os projetos estão localizados próximos ao coração da indústria e com toda a infraestrutura implantada. Equipes trabalham nas pesquisas e sondagens em dois projetos em Itabira, dois em Guanhães, um em Rio Pardo de Minas e outros dois na região de Diamantina.

O mais avançado é o de Jambreiro, no município mineiro de São João Evangelista, a cerca de 130 quilômetros da plataforma siderúrgica de Ipatinga. O projeto reúne mais de 10 mil metros de sondagens e ensaios metalúrgicos. A Centaurus espera produzir ali mais de 2 milhões de toneladas por ano de minério com teor de 65% de ferro a partir de 2013. As pesquisas indicam que a vida útil da mina pode chegar a 15 anos. Os investimentos chegam a R\$ 6 milhões, mas devem passar dos US\$ 100 milhões.

"Além dos estudos em geologia e metalurgia, a Centaurus se preocupa muito em trabalhar com as comunidades locais e as organizações ambientais em respeito à legislação brasileira. O princípio da empresa é cumprir todas as obrigações legais do país", diz o controlador financeiro da empresa, Cristiano Botelho. (PV)

A SAMA, única mineradora de amianto Crisotila brasileira, é agraciada, mais uma vez, com prêmios que a classificam como **A MELHOR MINERADORA PARA SE TRABALHAR NO BRASIL.**

O Instituto Great Place to Work com a Revista Época e as Revistas VOCÊ S/A e EXAME apresentaram o resultado das pesquisas de MELHORES EMPRESAS PARA TRABALHAR NO BRASIL e a SAMA foi a primeira Mineradora classificada nos dois prêmios, eleita pelos próprios trabalhadores.

É a prova incontestável que as práticas da SAMA para garantir a qualidade de vida, saúde e segurança de seus trabalhadores são um sucesso.

	<b>1º lugar</b> em indústrias diversas
	<ul style="list-style-type: none"> <li>A melhor mineradora.</li> <li>A 4ª melhor empresa de pequeno e médio porte.</li> <li>A 10ª em qualidade de vida.</li> <li>A 7ª melhor indústria.</li> <li>O 5ª melhor treinamento.</li> </ul>

**SAMA**  
MINERAÇÕES ASSOCIADAS

Compromisso com a vida

Sama - mineração de amianto Crisotila.